

Fazer Fake News para entender Fake News: uma proposta pedagógica com o uso de metodologia ativa¹

Lícia Frezza PISA²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Passos,
MG

RESUMO

O artigo tem o objetivo de relatar uma proposta pedagógica com o uso de metodologias ativas para a discussão do tema fake news. Para isso foram feitas reflexões sobre a alfabetização midiática e informacional, proposta pela Unesco, metodologias ativas e o contexto social e cultural do uso de tecnologias para comunicação em que as fake news estão inseridas. Por meio de metodologias ativas foi proposto uma sequência de ações, em que os estudantes pesquisavam e dialogavam sobre o tema. Foi possível perceber que a atividade atingiu o objetivo de fazer os alunos refletirem sobre fake news e, por meio do formulário de pesquisa, compreender que há contradições quando se questiona por que acreditar em algo ou não.

PALAVRAS-CHAVE: alfabetização midiática e informacional (AMI); metodologias ativas; fake news.

INTRODUÇÃO

Desde a criação e disseminação de redes sociais via web a comunicação e a interação humana, por meio da linguagem, vem sofrendo alterações (RECUERO, 2009). Em muitos casos as interações são positivas, conectam ideias, pessoas, divulgam resultados científicos, apontam direcionamentos futuros, mas em muitos outros essa mesma interação promove o ódio ao diferente, divulga notícias falsas e contribui para a disseminação de desinformação, prejudicando, inclusive, o sistema político democrático.

O termo *post thru*³ (pós-verdade) apareceu nos EUA durante a eleição em que Trump foi eleito. O significado do termo traz a ideia de que a verdade é secundária, os fatos são menos importantes, pois os sentimentos e as crenças passam a ser fatores

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e docente do IFSULDEMINAS, e-mail: licia.pisa@ifsuldeminas.edu.br.

³ Termo inserido no Dicionário de Oxford no ano de 2016 que, anualmente, elege uma nova palavra, através do departamento da Universidade de Oxford, responsável pela elaboração de dicionários.

decisivos para se endossar uma notícia e, com isso, o terreno virtual se abre para uma pulverização de notícias falsas, reforçando preconceitos, posicionamentos simplistas, ódio, medo e, afetando, sobretudo, a credibilidade da imprensa profissional. No Brasil, o termo “eu-verdade”, passou a designar “os fatos” que as pessoas acreditam ser verdadeiros, legítimos, o que também corrobora com o descrédito da imprensa.

Esse é o cenário que temos para a fértil propagação de fake news, ou desinformação, visto que a notícia deve cumprir o papel social de informar a população e, sendo falsa e mentirosa, não deveria se enquadrar nessa nomenclatura. É fértil, pois conta com a rapidez da web, das pessoas conectadas e compartilhando para propagar e fazer circular a desinformação⁴.

No Brasil, há agências de *fact-checking* que investigam as notícias e divulgam ao público se são verdadeiras ou falsas, como: Lupa, Boatos, E-farsa, Me engana que eu posto (Veja), Aos fatos, Truco, Fato ou Fake (G1). Porém, a sociedade em geral não se habituou, ainda, a checar as informações recebidas antes de compartilhar e, com isso, corrobora com o pensamento de Joseph Goebbels, ministro da Propaganda da Alemanha nazista, de que as pessoas são propensas a acreditar em tudo e que a mentira propagada muitas vezes torna-se verdade.

Desse modo, a Unesco viu a necessidade de criar mecanismos e estratégias para combater a desinformação e promover a alfabetização midiática e informacional, formando professores e incluindo as questões do letramento digital nos currículos escolares, pois

existe o desafio de avaliarmos a relevância e a confiabilidade da informação sem quaisquer obstáculos ao pleno usufruto dos cidadãos em relação aos seus direitos à liberdade de expressão e ao direito à informação. É nesse contexto que a necessidade da alfabetização midiática e informacional (AMI) deve ser vista (WILSON, 2013, p. 11).

Assim, a Unesco acredita que há várias formas de alfabetização e a AMI é mais uma delas e, em seu Guia de AMI (WILSON, 2013), defende que as competências adquiridas são ferramentas para o raciocínio crítico e para o consumo de informação e serviços de qualidade, ultrapassando os limites da decodificação da palavra no processo de alfabetização (FREIRE, 2010).

Enquanto a população não for letrada e alfabetizada midiaticamente o suficiente para barrar a circulação da desinformação, é necessário letrar a partir daqueles que estão

⁴ Importante lembrar que muitas vezes a disseminação ocorre por meio de robôs, perfis falsos criados para espalhar as desinformações.

sendo escolarizados, como proposto pela Unesco, para que haja consciência e entendimento sobre o problema das fake news e, também, para que seja possível identificar uma notícia falsa, compreendendo a construção léxica e semântica. Assim, apresentaremos uma proposta pedagógica de ensino, a partir de metodologia ativa, para a aprendizagem do tema fake news.

Metodologias ativas e a contextualização da realidade

Quando pensamos em escola, a imagem que nos vem à cabeça é a de uma sala de aula com fileiras de carteiras de alunos e a mesa do professor à frente de todos, de onde ele fala e escreve no quadro, de modo a representar que é o detentor do conhecimento e, aos alunos, cabe o papel de escutar, memorizar e fazer anotações. Essa é a metodologia de ensino de abordagem tradicional, em que a aula expositiva é a principal maneira de ministrar aulas e se dá pela oralidade, quando o assunto é apresentado pronto e a função da aprendizagem não envolve o aluno em nenhuma descoberta, pesquisa etc., pois o conteúdo está fechado e pronto, por isso o estudante é entendido como passivo, pois não tem oportunidade de interagir e construir o seu próprio conhecimento. Esse método foi chamado de “educação bancária” pelo educador brasileiro Paulo Freire, em que as informações são depositadas no aluno.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. [...] Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 1987, p. 33).

Na educação bancária as habilidades e competências de todos os estudantes são as mesmas, os conteúdos são padronizados e ministrados da mesma forma, seja em turmas diferentes ou alunos diferentes. A abordagem é uniformizada e não se leva em consideração as características dos estudantes, seu contexto de vida, local em que moram ou mesmo interesses individuais. Freire acreditava que ensinar não era transferir conhecimento, a aprendizagem deveria acontecer por meio da problematização da realidade, abrindo diálogo para a reflexão, para a construção do conhecimento e para superação dos problemas propostos: “quando entro em uma sala de aula devo estar sendo

um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho a ele ensinar e não a de transferir conhecimento” (FREIRE, 2010, p. 27), promovendo possibilidades de construção do conhecimento.

Mas antes da concepção de educação bancária, proposta por Freire, o movimento Escola Nova, com pensadores como Willian James e John Dewey, propunha que a aprendizagem deveria ser centrada no aluno por meio da aprendizagem pela experiência e com o objetivo de desenvolver a autonomia do estudante, pautada no *learning by doing*, aprender fazendo (BACICH, MORAN, 2018). Para Dewey (1959 *apud* BACICH, MORAN, 2018), a educação era um processo de reconstrução e reorganização feitas pelo estudante durante suas experiências educativas, a aprendizagem deveria ser uma forma do aluno conhecer suas potencialidades e isso deveria ser pautado pela iniciativa, originalidade e cooperação.

Percebemos que entre as ideias de Paulo Freire e da Escola Nova há uma convergência quando propõem o ensino de modo participativo, em diálogo, trazendo os alunos para o centro da ação, usando como método a problematização, utilizando os contextos da realidade cotidiana para apreensão, conscientização e possível transformação. Na metodologia da problematização, “ensinar significa criar situações para despertar a curiosidade do aluno e lhe permitir pensar o concreto, conscientizar-se da realidade, questioná-la e construir conhecimentos para transformá-la, superando a ideia de que ensinar é sinônimo de transferir conhecimento” (BACICH, MORAN, 2018, on-line).

Para diversos teóricos da educação, a concepção de educação bancária (FREIRE, 1987) e tradicional deve ser superada para que a aprendizagem e a formação dos alunos possam realmente acontecer e de forma produtiva. Para isso, é preciso levar em consideração a noção de contextualização, ou seja, compreender os acontecimentos sociais vinculados à vida dos alunos, e não separadamente, dividindo o mundo entre os acontecimentos dentro e fora da escola.

Para isso, devemos pensar a prática de modo a problematizar a realidade social e cultural e colocar os alunos em diálogo com esses acontecimentos para que o conhecimento e a aprendizagem sejam frutos do exercício da reflexão num processo de significação dos conhecimentos escolares em sintonia com os acontecimentos do mundo. Desse modo, colocamos em discussão a monocultura e abrimos espaço para os alunos dialogarem com os seus conhecimentos prévios.

Essa inversão no modo de compreender a aprendizagem, trazendo para a escola os acontecimentos sociais, corrobora com o entendimento de Vigotski (2001), de que somos seres sociais e aprendemos pela interação com os grupos dos quais fazemos parte, sendo a escola apenas mais um grupo, mas sendo um espaço sociocultural que tem o objetivo de fazer intervenções pelo ensino e pela pesquisa para produzir ações de aprendizagem. Os alunos passam a transitar entre os conhecimentos cotidianos e os conhecimentos científicos de modo que, ao transitar entre os diferentes saberes, o saber científico ganhe mais concretude e o senso comum seja compreendido como simplificação ou pouca reflexão sobre o tema.

Essa forma de interação entre os saberes e os diferentes conhecimentos para promover uma melhor significação cultural e melhor problematização das questões sociais passa a ser colocada para se pensar os currículos escolares voltados para o mundo real, para a vida dos alunos e as questões que os cercam.

Assim, para pensar os processos de aprendizagem dos alunos devemos elencar temas sociais do cotidiano, juntamente com a mediação pedagógica pensada de modo a contextualizar o conhecimento científico e mostrar a interdisciplinaridade entre as áreas. Para Freire (2010), esse é o objetivo da educação dialógica, contrária à educação bancária, que promove a constituição dos saberes e dos sujeitos por meio da interação e significação das palavras e o seu contexto de uso, ou seja, compreendemos os temas a partir daquilo que nos interpela, nos atravessa e dá sentido à vida (BAKHTIN, 2006).

Pensando a educação dialógica, a metodologia de problematização, de contextualização da realidade, de interação e colaboração entre os grupos, da circulação entre os saberes e dos interesses pelos problemas do mundo, podemos compreender que as metodologias ativas vêm de encontro com essas propostas, pois entende o estudante como centro do processo de ensino e aprendizagem e não mais o professor. Os alunos são conduzidos para resolver problemas, investigar, pesquisar e aprender descobrindo as coisas. Para Valente (2014a), as metodologias voltadas para aprendizagem consistem em uma série de técnicas, procedimentos e processos utilizados pelos professores durante as aulas, a fim de auxiliar a aprendizagem dos alunos.

Desse modo, o papel do educador é deslocado do protagonismo e passa a ser de mediador e orientador, e o aluno deve ser colocado em lugar de destaque de sua própria aprendizagem, sendo ativo, pois na aprendizagem ativa, “o aluno assume uma postura mais ativa, na qual ele resolve problemas, desenvolve projetos e, com isto, cria oportunidades para a construção de conhecimento” (VALENTE, 2014b, p. 79). E o

cenário em que vivemos pede que essas mudanças aconteçam, pois a sala de aula não é o único lugar para aprender, precisamos melhorar “a utilização do espaço de diversas formas, a diversificação de atividades (individuais, grupais e coletivas), as analógicas e as digitais, as de profunda interação física e as de profunda interação virtual” (MORAN, 2014, p. 33).

As metodologias ativas trabalham para que o aluno seja protagonista do seu aprendizado e para que os professores atuem pensando nas estratégias metodológicas mais adequadas para trabalhar os diversos temas, de modo a envolver o aluno, fazendo com que ele se sinta motivado, pois a aprendizagem será mais significativa quando os alunos encontram sentido nas atividades (MORAN, 2018).

É importante ressaltar que as metodologias ativas precisam ser acompanhadas dos objetivos pretendidos e é possível utilizar “modelos flexíveis com desafios, com projetos reais, com jogos e com informação contextualizada, equilibrando colaboração com a personalização é o caminho mais significativo hoje, mas pode ser planejado e desenvolvido de várias formas e em contextos diferentes” (MORAN, 2014, p. 34). Além disso, no contexto digital e de conexões pela web é possível desenvolver várias combinações, como o ensino híbrido, pois “a junção de metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje” (MORAN, 2018, on-line) e necessitam de colaboração, são ferramentas que convocam a participação dos estudantes e, para que a aprendizagem aconteça de maneira satisfatória, é preciso ter uma posição crítica em relação a todo o aparato de tecnologia informacional e comunicacional e como esse tipo de informação interfere na cultura e também cria uma cultura que é digital (BACICH, MORAN, 2018).

Assim, a educação não é a preparação para a vida, ela acompanha a própria vida, o desenvolvimento do ser humano, sua autonomia e aprendizagem por meio da experiência e da reflexão sobre a experiência que impulsiona estabelecer relações, tomar consciência, construir conhecimento e reconstruir a experiência (BACICH, MORAN, 2018, on-line).

Metodologia: Fazer Fake news para entender Fake News

De acordo com os pensamentos apresentados a respeito da aprendizagem dos alunos e sobre a alfabetização midiática e informacional, foi feita uma atividade pedagógica de ensino para se introduzir, discutir e compreender as fake news por meio de metodologia ativa, pois como os jovens utilizam as redes sociais e estão

constantemente conectados à web e com acesso a diversos tipos de informação, é importante que eles conheçam ferramentas para avaliar a qualidade da informação, não propagarem notícias falsas e serem agentes educadores em seus núcleos sociais.

Assim, essa atividade foi desenvolvida no final de 2019, na disciplina de Introdução à Comunicação Social, com a turma de 2º ano do Ensino Médio integrado ao curso técnico de Comunicação Visual, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS, campus Passos/MG.

Tendo em vista que os alunos não são meros receptores e propondo ações para que sejam produtores e agentes de sua aprendizagem, será apresentado, na sequência, as atividades desenvolvidas com o objetivo de trabalhar a alfabetização midiática e informacional por meio de problemas reais do cotidiano.

1. Objetivo: Fake news: como identificar uma notícia falsa (desinformação)?

2. Informação contextualizada: para iniciar as atividades, foi perguntado aos alunos se eles sabiam o que era fake news e eles puderam fazer contribuições a respeito do tema, mostrar notícias e postagens que já receberam e comentar. A partir disso foi introduzido assuntos como pós-verdade, fake news, boatos, hoax, desinformação, consumo de linguagem, *deep fake* e os alunos foram questionados a pensar em como combater a propagação das fake news, visto que a circulação é rápida e difundida tanto por usuários conectados ou robôs. Para isso foram utilizadas referências bibliográficas, matérias de jornais, revistas e pesquisas. Após os esclarecimentos sobre o assunto, e dando continuidade ao tema, as agências de *fact-checking* foram apresentadas aos alunos que, separados em grupos, e no laboratório de informática ou com os seus próprios celulares, deveriam acessar os sites das agências de *fact-checking*: Lupa, Boatos, E-farsa, Me engana que eu posto, Aos fatos, Truco e Fato ou Fake e pesquisarem sobre as fake news desmentidas e perceber os temas mais utilizados nas fake news do Brasil. Além disso, puderam pesquisar artigos científicos sobre o tema e perceber os problemas que as fake news causam em empresas, na política, na vida das pessoas comuns e de artistas, cantores, escritores etc.

3. Colaboração: de posse de várias informações que foram sendo apreendidas e dialogadas em sala de aula, foram apresentadas as características mais recorrentes em fake news, como: não apresenta data exata e datas com um amanhã circulam por mais tempo; pedido de compartilhamento; caráter alarmista; textos vagos, sem citar fontes, locais e datas; e erros de ortografia (MATSUKI, 2018). As características das fake news também foram apresentadas em um vídeo bem humorado “Como uma fake news é

criada”⁵, do canal Fake em nós, do MOV (UOL), produzido pelo Pirulla, biólogo e youtuber, e pelo Gilmar Lopes, da agência de *fact checking* E-farsas.

Assim, em grupo, os alunos deveriam observar essas informações e escolher um tema de fake news, que poderia ser saúde, política, morte, meio artístico, ciência etc. Cabe salientar que durante essa fase de pesquisa vários conhecimentos de outras áreas foram retomados, os alunos lembraram de temas vistos em aulas de química, física, biologia etc., inclusive, deveriam levar em consideração a norma culta da língua portuguesa para conseguirem identificar erros de ortografia, sintaxe, semântica, entre outros, o que promove a interação entre os diferentes saberes e os saberes prévios de cada um.

4. Personalização: a partir de toda a pesquisa feita, discussão entre os grupos e sabendo as informações e características de uma fake news, a atividade proposta, para gerar curiosidade e aprofundar a problematização, foi os alunos fazerem a própria fake news a partir de um tema, objetivando a fixação das características e percepção mais assertiva de notícias falsas. As artes e textos foram discutidos por meio de brainstorming e foram desenvolvidos em laboratório de softwares gráficos e, como os alunos são do curso de Comunicação Visual, não apresentaram dificuldades na produção do material gráfico, visto já terem conhecimentos sobre os mesmos. As fake news produzidas foram:

Imagem 1: Cuidado! Estudos comprovam que aborto causa câncer.



Fonte: Criação dos alunos Giovanna de Jesus, Karyne Alves, Lorrana Prado, Luiz Filipe Damasceno, Marco Aurélio e Vinícius Toledo (2019).

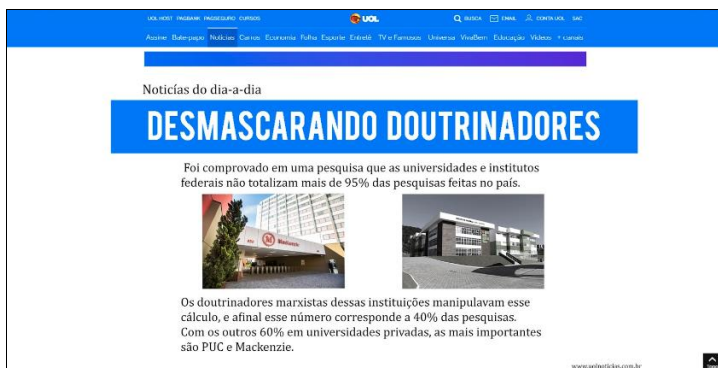
⁵ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=20&v=4yJTzdXyU3o&feature=emb_logo>. Acesso em: 25 fev. 2020.

Imagem 2: Cientistas da UFES descobrem que vacina do HPV está causando câncer de colo de útero.



Fonte: Criação dos alunos Ana Luiza Dutra, Giovanna Guimarães, João Vitor Bueno, Laisla Mariano, Laura de Souza e Letícia Oliveira (2019).

Imagem 3: Desmascarando doutrinadores: foi comprovado que as universidades e institutos federais não totalizam mais de 95% das pesquisas feitas no país.



Fonte: Criação dos alunos Gabriel Oliveira, Gustavo Alves, Isadora Pádua, Larissa Ribeiro, Milena Evaristo e Sylmara Freire (2019).

Imagem 4: Gabriel Diniz é visto nos EUA e fãs se desesperam.



Fonte: Criação dos alunos Camila Silva, Carlos Eduardo da Silva, Denner Almeida, João Paulo Costa, Letícia Pimenta e Silas Silva Carmo (2019).

Imagem 5: Nova tecnologia substitui o sistema nervoso.



Fonte: Criação dos alunos Alice Pereira, Anne Gabriela Alves, Laura Andrade e Letícia Gomes (2019).

Imagem 6: Separados novamente: venda do Acre está sendo negociada.



Fonte: Criação dos alunos Alice Silva, Gabriela Rocha, João Vitor Freire, Laila Rodrigues e Rhayssa Machado (2019).

Como pode ser percebido, a contextualização do tema com a realidade do cotidiano, a colaboração entre os pares e a personalização do entendimento de cada um (cada grupo) (MORAN, 2018), foram utilizadas baseadas em metodologias ativas, de modo a dinamizar a aprendizagem e desenvolver o potencial dos alunos enquanto indivíduos e enquanto grupo, “com as múltiplas interfaces do diálogo dentro de cada um, alimentando e alimentados pelos diálogos com os diversos grupos nos quais participamos, com a intensa troca de ideias, sentimentos e competências em múltiplos desafios que a vida nos oferece” (MORAN, 2018, p.5). Foi observado que os alunos, durante a criação da fake news, retomavam a estrutura de uma notícia falsa e isso colaborou para a fixação

dessas características, além de buscarem desconstruir a organização lexical para a produção do texto, fazendo-os retomar o bom uso da Língua Portuguesa.

Então, para que a atividade de aprendizagem ressoasse em outros grupos que os alunos participam fora da escola e para compreenderem melhor o entendimento que as pessoas tem sobre fake news foi feito um formulário de pesquisa, via GoogleForms, em que apresentava como título do formulário Pesquisa sobre conteúdo online, com a seguinte apresentação: Essa pesquisa faz parte da disciplina de Introdução à Comunicação Social do curso técnico em Comunicação Visual integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas, e com as seguintes perguntas:

- Idade, local onde mora, escolaridade e gênero;
- Analise e responda se a notícia é verdadeira ou falsa? – feita para cada notícia criada;
- O que faz você acreditar numa notícia? – com as opções de resposta: fonte onde foi veiculada, pessoa que compartilhou, confiança nos dados, conteúdo da notícia faz parte de suas crenças pessoais;
- Você tem o hábito de checar a fonte da notícia? – com as opções de resposta: sim e não;
- Você confia mais em quais veículos de notícias? – com as opções de resposta: televisão, rádio, jornal impresso, portal de notícia online, páginas do Facebook, Youtubers, notícias de grupo de WhatsApp;
- Você tem conhecimento do que são fake news? – com as opções de resposta: sim e não;
- e
- Você acredita que as fake news podem prejudicar a democracia? – com as opções de resposta: sim e não.

Após o prazo para o preenchimento do formulário, que obteve 206 respostas, os resultados da pesquisa foram apresentados e debatidos junto com a turma de alunos, permitindo a reflexão e significação de todas as etapas da atividade (MORAN, 2018).

Foi possível perceber que o percentual das fake news produzidas não tiveram a totalidade de respostas falsas, variando entre 67% a 94,5%, ou seja, houveram 33% que acreditaram em determinada notícia.

A grande maioria tem conhecimento do que são fake news, 97,6%, e 96,1% acreditam que as fake news podem prejudicar a democracia. Esse valor elevado pode ser considerado pela idade da maioria dos respondentes serem jovens e estarem contextualizados com o tema: 51,9% tem de 14 a 18 anos, 26,7% tem de 18 a 24 anos, 13,6% tem de 30 a 40 anos, 5,8% tem de 24 a 30 anos e 1,9% tem 50 ou mais.

Outro dado interessante foi que para acreditar na notícia 47,1% confiam na fonte onde foi veiculada, 37,9% na confiança dos dados e 15% confiam no conteúdo da notícia por fazer parte de suas crenças pessoais. Ninguém respondeu, 0%, que confia pela pessoa que enviou. O que entra em contradição quando perguntamos se a pessoa tem o hábito de checar a fonte da notícia e 71,8% dizem que sim, mas 15% confiam quando o conteúdo faz parte de suas crenças pessoais e sabemos por experiência empírica que notícias de WhatsApp são encaminhadas sem serem checadas e, muitas vezes, pela credibilidade da pessoa que enviou, que recebeu 0% de confiança.

Os veículos de comunicação profissionais ainda têm na TV a maioria da confiança, com 61,2%, seguido de Portal de notícias on-line com 49%, Jornal impresso com 43,7% e Rádio com 23,8%. Youtubers tem 3,9%, Páginas de Facebook tem 3,4% e notícias de grupos de WhatsApp tem apenas 1%. Esse dado também entra em contradição, pois a grande maioria das fake news circulam em grupos de WhatsApp, páginas de Facebook e youtubers, ou seja, mesmo não sendo confiáveis as pessoas passam para frente as fake news.

Com a discussão dos resultados junto aos alunos e eles participando com suas percepções, vivências e aprendizagem com a atividade, foi possível analisar que as metodologias ativas são ativas por colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, mas também porque é preciso ter reflexão (MORAN, 2018) sobre aquilo que está propondo e, por isso, o professor ressignifica sua atuação, tornando-se um orientador, um gestor de práticas pedagógicas, pensando caminhos possíveis para colaborar com a aprendizagem individual e coletiva (MORAN, 2018).

Considerações finais

Vivemos rodeados de tecnologias que nos permitem comunicar e buscar todo o tipo de informação na web, mas também somos tentados a nos perder com as informações de entretenimento e de redes sociais, “de navegação pelas arquiteturas líquidas de informação” (SANTAELLA, 2014, on-line), por isso, a vida das pessoas, a convivência social ocorre num contexto de convergência e nada está desligado da realidade, pois a realidade é on-line e offline ao mesmo tempo, portanto, não há como separar o processo educativo das condições culturais da realidade em que os alunos se encontram, pelo contrário, é preciso aprofundar os temas que vão emergindo socialmente e, com isso,

passamos para uma “sociedade do conhecimento e aprendizagem contínua” (BARBERO, 2014, p. 121).

Pensando nesse contexto cultural, a preocupação da Unesco com a alfabetização midiática e informacional (AMI) é urgente e cada vez mais necessária com o espalhamento cada vez mais veloz de fake news e informações falsas que provocam tomadas de decisões e opiniões equivocadas por parte da população, além de serem contraproducentes e necessitarem de punições no âmbito judicial. É preciso boa formação para saber navegar na web, conhecer o que há de produtivo, de educativo, de formativo para não ser vítima das estratégias que vão contra a privacidade, que disseminam o ódio, a violência e modificam o comportamento das pessoas.

Para que a educação seja eficiente e forme alunos para/com o mundo é preciso pensar a escola, o currículo e a formação dos professores alinhada com a atualidade, com a possibilidade de experiências e com a promoção da curiosidade intelectual.

Assim, as metodologias ativas podem auxiliar na aprendizagem dos alunos para a vida social e profissional, pois visa o desenvolvimento da autonomia, da capacidade de resolver problemas, de refletir, de desenvolver projetos, de estarem atentos aos acontecimentos do mundo e levarem para serem discutidos em sala de aula, de maneira dialogada, ocorrendo o que Freire (1987) chamou de aprendizagem dialógica, motivando os estudantes a terem mais segurança e confiança em si mesmos, pois “em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais” (FREIRE, 1987, p.15).

Além das possibilidades das metodologias ativas, é preciso pensar na formação continuada dos professores para que possam compreender as transformações que ocorrem na sociedade e pensar em diferentes formas de trazer os assuntos e temas para a sala de aula, por isso é importante que não parem de estudar, de compartilhar experiências, de ter orientação dos mais experientes e, por mais que pareça que o papel do docente se tornou secundário pelo fato do aluno ser o centro da sua aprendizagem e não mais o professor, na verdade o papel do docente é muito mais importante e desafiador, pois não basta transferir o conteúdo que sabe, é preciso pensar em estratégias de abordagem, em metodologias, em relacionar os temas da atualidade etc. com determinados saberes. Como afirma Moran (2018, on-line):

O articulador das etapas individuais e grupais é o docente, com sua capacidade de acompanhar, mediar, analisar os processos, resultados, lacunas e necessidades a partir dos percursos realizados pelos alunos individualmente e em grupo. Esse novo papel do professor é mais complexo do que o anterior de transmitir informações. Precisa de uma preparação em competências mais amplas, além do conhecimento do conteúdo, como saber adaptar-se ao grupo e a cada aluno, planejar, acompanhar e avaliar atividades significativas e diferentes.

Sendo assim, a proposta de fazer uma fake news para compreender fake news foi baseada em metodologias ativas, colocando o aluno no centro de sua aprendizagem e foi pensada para problematizar e contextualizar um tema contemporâneo que perpassa o cotidiano dos alunos e, ao procurarem por notícias falsas tiveram que acessar os conhecimentos prévios que já tinham e os conhecimentos de outras áreas do saber. Foram criadas situações em que os alunos pesquisaram, pensaram, discutiram, dialogaram, escolheram, colocaram em prática e o fazer a fake news envolveu apreender as características mais utilizadas, a estrutura de uma fake news e, cabe ressaltar que ao saberem que iriam fazer uma fake news eles ficaram surpresos, o que despertou a curiosidade para atividade e, com todas as etapas da atividade os alunos desenvolveram capacidade crítica e de interação. O diálogo ocorrido com o *feedback* do formulário foi bastante produtivo e os estudantes trouxeram experiências de discussão com os familiares e amigos, o que explora as atitudes pessoais, como também, a valorização desses estudantes como cidadãos em explorarem uma atividade, a fake news, que eles mesmos produziram e se sentiram importantes por isso.

Assim, acreditamos que a junção das metodologias ativas, juntamente com a atualização e constante formação dos professores e a reflexão em como tratar os assuntos atuais em sala de aula são possibilidades de fornecer um processo de aprendizagem mais efetivo.

REFERÊNCIAS

- BACICH, Lilian, MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2006
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MATSUKI, Edgard. Entrevista concedida a Miguel Quessada. Bebedouro, 11 jan. 2018 (entrevista por e-mail). In: QUESSADA, Miguel; PISA, Lícia Frezza. Fake News Versus MIL: a Difícil Tarefa de Desmentir Goebbels. **Anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Belo Horizonte/MG – 7 a 9/6/2018.

MORAN, José Manuel. Novos modelos de sala de aula. **Revista Educatrix**, nº7, Editora Moderna, p. 33-37, 2014. Disponível em: < www.moderna.com.br/educatrix>. Acesso em 25 fev. 2020.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SANTAELLA, Lucia. **Curso de especialização em educação na cultura digital**. Linguagens do Nosso Tempo. 1. ed. Brasília, DF. MEC, 2014. Disponível em: <http://catalogo.educacaonaculturaldigital.mec.gov.br/hypermedia_files/live/linguagens_do_nosso_tempo/apresentacao.html>. Acesso em: 12 dez. 2019.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Narrativas digitais e o estudo de contextos de aprendizagem. **Revista Em Rede**. v. 1, n. 1, 2014a. Disponível em: <<http://aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/10>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

VALENTE, José Armando: Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, edição especial, n. 4, p. 79-97, 2014b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILSON, Carolyn; et al. **Alfabetização Midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Tradução de Dermeval de Sena Aires Júnior. Brasília: Unesco, UFTM, 2013.